

3.6. BALANÇO FINAL: A DISCUSSÃO FICA EM ABERTO

Creemos que a educação atitudinal terá de ter sempre presente as três grandes componentes atitudinais: as facetas cognitiva, afectiva e conativa.

Será necessário "mexer" nestes três domínios para efectivamente alterarmos a totalidade da "predisposição" e de uma forma consistente. Isto poderá implicar que tenhamos de nos servir tanto de metodologias decorrentes de teorias que privilegiem a exteriorização da atitude (aproximando-nos da perspectiva condutista) como de metodologias emanadas de teorias que focalizam a componente interna (quer cognitiva, quer afectiva). Por outro lado, a teoria de Turiel também aponta neste sentido, na medida em que as atitudes convencionais deverão ser alvo de uma adaptação heterónoma e as morais de uma construção autónoma.

Kelman (cit. por SARABIA, 1992: 147) estabelece três situações propiciadoras de mudança atitudinal:

- discrepância entre a atitude e novas informações (faceta cognitiva)
- discrepância entre a atitude do sujeito e as atitudes de pessoas significativas (faceta afectiva)
- discrepância entre a atitude e as acções (faceta conativa).

Rematamos este capítulo 3 da mesma forma que o iniciamos e do mesmo modo que concluímos o capítulo 2. Parece não haver um marco teórico de educação atitudinal que satisfaça completamente e do qual emanem sugestões metodológicas eficazes na sua globalidade.

Poderemos, quando muito, avançar para uma reflexão e tentativa de esboço de algumas linhas mestras de orientação:

- nas primeiras idades escolares parece ser difícil adoptar uma metodologia emanada da perspectiva teórica da construção autónoma de atitudes e valores, particularmente a que privilegia a discussão de dilemas. Como foi referido, o desenvolvimento moral exige o desenvolvimento cognitivo, pelo que quando este é ainda incipiente pouco ou nada se poderá esperar no campo do desenvolvimento moral.

- para estas primeiras idades, restará outra via que não a da persuasão e da modelação?

- quando os indivíduos se conseguem desenvolver autonomamente, do ponto de vista sociomoral e atitudinal, a persuasão e a modelação deixam de interferir? Cremos que uma situação não exclui a outra - talvez nunca deixemos de ser alvo da persuasão e da modelação.

- que fazer, então? conjugar criteriosamente diferentes metodologias de forma a irmos, e os próprios alunos irem, lapidando as múltiplas facetas atitudinais. Trata-se de integrar, tal como BOLIVAR (1992: 211) refere, elementos afectivos e cognitivos, conteúdo e forma, heteronomia e autonomia.

- qualquer que seja a metodologia utilizada, parece ser aconselhável, talvez mesmo imprescindível, atendermos às atitudes que emergem dos diversos contextos-sistemas em que o aluno se insere: aula - aulas - escola - família - grupo de amigos - etc. O ideal seria conseguirmos a sintonia dos diversos microsistemas para que não se instale qualquer discrepância mesossistémica.

NOTAS

- (1)- Segundo IPFLING (1974: 264) por performance entende-se a "extensão em que um indivíduo consegue superar com êxito tarefas de um certo grau de dificuldade. No conceito de *performance*, trata-se tanto de actividades do indivíduo (aspecto dinâmico) como do resultado da mesma (aspecto estático). (...)Independentemente das capacidades individuais (inteligência, dotes pessoais), a *performance* é influenciada por factores motivacionalmente operantes como estímulo de novidade, grau de dificuldade de uma tarefa, interesses, atitudes e seus correlatos afectivos (por exemplo, 'esperança de êxito' e 'temor de insucesso') e por factores condicionantes gerais (idade, oscilações diurnas e sazonais, etc.)."
- (2)- A inclusão da perspectiva Freudiana no grupo das teorias ligadas à adaptação heterónoma é, para alguns, discutível pois, em consonância com o movimento psicanalítico, realizaram-se "experiências educativas claramente não repressivas nem autoritárias; experiências em que predomina a autonomia moral dos educandos" (ROVIRA e MARTIN, 1989: 57):
- (3)- PORTAL (1992: 36) define conduta prosocial como "toda a conduta social positiva com/sem motivação altruísta". Para este autor existem dois tipos de conduta social positiva: a que supõe benefício mútuo para as duas partes implicadas na relação interpessoal e a que unicamente beneficia uma das partes.
- (4)- Entenda-se por consistência a correlação entre atitude e conduta.
- (5)- O desenvolvimento do desejo da equidade deve entender-se como a evolução do igualitarismo no sentido da relatividade.
- (6)- A Comunidade Justa pretende ser uma comunidade escolar que se pauta pela vivência democrática em que todos têm oportunidade de expressar as suas opiniões e de participar nas decisões que afectam a própria comunidade escolar. Kohlberg, em 1974, foi fundador da "Cluster School" (Cambridge, Massachusetts), primeira escola que levou à prática o conceito de "comunidade justa".
- (7)- Alguns autores diferenciam "contexto" de "ambiente circundante" (entorno). Segundo VAYER e outros (1993: 18) o contexto é o conjunto de circunstâncias em que se

inscreve um factó, uma actividade, um comportamento. Corresponde a um aspecto particular do ambiente, relacional ou material. O ambiente circundante será o marco de conjunto dos dados materiais e relacionais da estrutura social, onde se expressam actividades, relações ou acontecimentos particulares.

- (8)- Encare-se a palavra "território" como resultante de uma apropriação do espaço, de uma identificação com esse espaço, "isto é, de uma espaço marcado pelas criações e vivências humanas" (BAILLY e BEGUIN, 1982: 14).